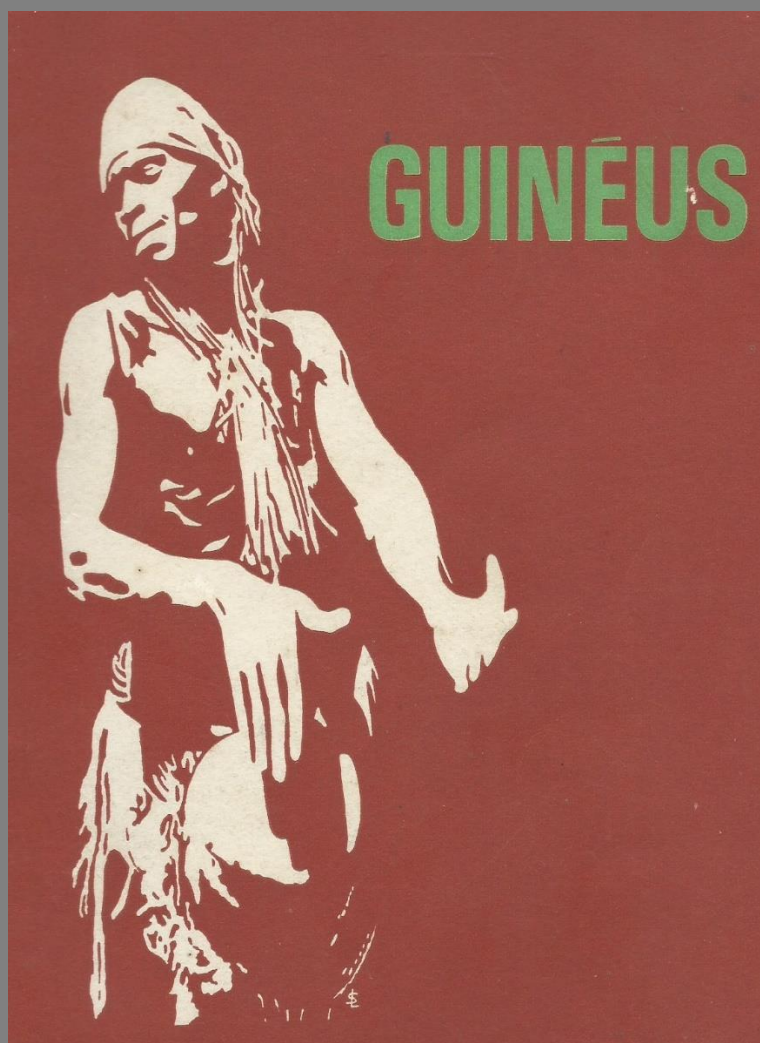


Museu Educação Global e Diversidade Cultural
Cadernos



Cartas da Guiné
Experiencias de Educação Patrimonial

Museu Educação Global e Diversidade Cultural
2020



Ficha Técnica:
Informal Museology Studies
Nº 27 – 2020
Editor: Pedro Pereira Leite
Marca D'Água - Edições e Projeto
ISSN – 2182-8962
DOI: 10.13140/RG.2.2.30802.89286

Documentos usados de acordo com:



Apresentação.....	5
. Crónica da Guiné.....	6
Crónica da Guiné (I)	7
Cronica da Guiné II.....	8
Crónica na Guiné III	9
Crónica da Guiné IV	10
Mercado do Badim (Crónica da Guiné V).....	11
Retratos (Crónica da Guiné VI).....	12
Caldo Branco (Crónica da Guiné VII)	13
Museu Etnográfico de Bissau (Cronica da Guiné VIII)	14
Universidade Amílcar Cabral (Crónica da Guiné IX)	15
Na escuta (Crónica da Guiné X)	16
Um país suspenso (Crónica da Guiné XI)	17
A cultura do Contentor (Crónica da Guiné XII)	19
Pano di Pinti (Crónica da Guiné XIII)	20
Caldi di Djeben (Crónica da Guiné XIV)	20
Cabral (Crónica da Guiné XV)	21
Sintadu i ka djuntu ku djungutudu (Crónica da Guiné XVI)	22
Nô Sta Djunto (Cronica da Guiné XVII).....	23
Kunsi Balun de si (Crónica da Guiné XVII).....	24
O Gerador (Crónica da Guiné XVIII)	25
A escuta (Crónica da Guiné XIX).....	27
Canchungo (Crónica da Guiné XX)	28
Drogas e desenvolvimento (Crónica da Guiné XXI).....	29
Tiná Silá mulher africana (Crónica da Guiné XXII)	30
Senhores do chão (Crónica da Guiné XXIII)	31
As ONG'S e o Desenvolvimento em África	32
Os buracos (Crónica da Guiné XXIV)	32
Cacheu (Crónica da Guiné XXV)	34
Saúde Comunitária versus Saúde Global.....	34
Os meninos de Deus	36
O anjo branco	37
Os europeus em África.....	38
Mulheres com Chama.....	39

Relíquias: Do iluminismo ao sal da terra.....	40
Misses em África.....	41
Nuvens e ventos	42
Luz e sombras.....	42
Aprendizes de executivos	44
A cobra e o professor.....	45
Nô Papi - Homem Grande.....	46
Jogos de rua	47
Patrimónios e Heranças	48
A picada do mosquito	49
Mana Clea	50
Trânsitos guineenses.....	51
Nok e Wak	52
Nada de novo na frente leste	53
Karnaval	54
Karnaval em Bissau	55
Os Bantabás.....	56
Ecomuseu vivo de Canchungo.....	57
A luz	58
Sissoco Virtual	59
N'to N're Tucpa.....	60
Primado da lei e realidade virtual	61
Bubake – Bijagós	62
Melchior de Bubake	63
Reno e dono di xão	65
Chez Amy carrefour de cuisine africaine	66
Bojan de Ingoré.....	67

Apresentação

Neste número dos Estudos de Museologia Informal, apresentamos o Diário da Vigem à Guiné-Bissau, realizada nos primeiros meses do ano de 2020.

Escrito ao sabos dos dias, será melhorado e revistado em função dos fluxos do pensamento sobre a experiencia e sobre o lugar.

Bibaque – Bijagós, março de 2020



Crónica da Guiné

Voo TP 4791 A 320 para Bissau-Cacheu. Movimento de retorno de férias no aeroporto. Caras de quem regressa ao trabalho e se vai dedicar ao seu próprio sustento.

Viajo pela primeira vez para Africa ocidental. Avango com um velho projeto, com mais de trinta e cinco anos.



Crónica da Guiné (I)

No arranque do projeto. Uma sala vazia. Cadeiras e mesas. Gente com vontade de criar encontros.



Cronica da Guiné II

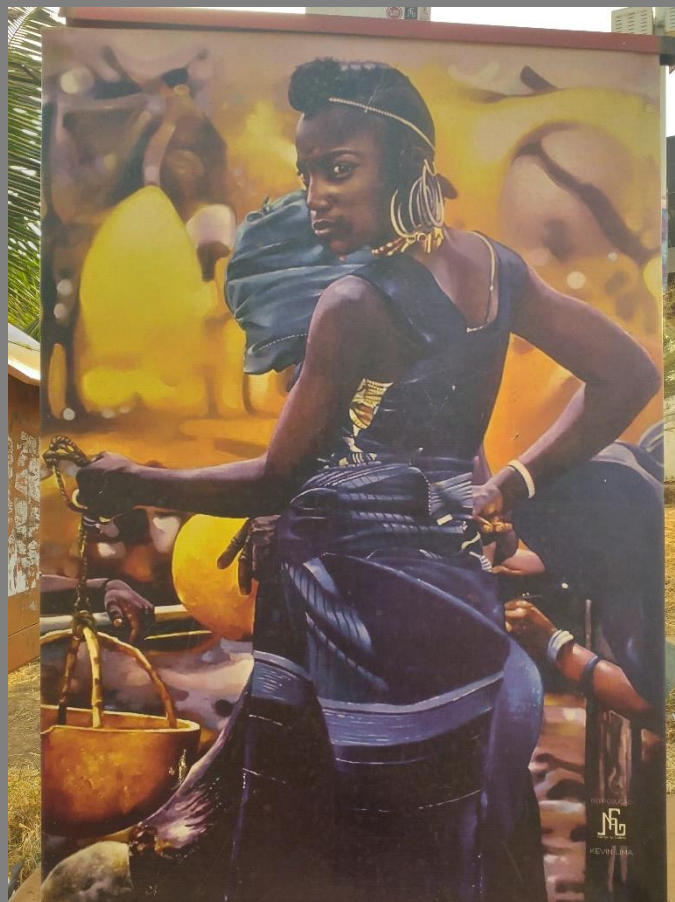
Através do desenho das questões geradoras o trabalho no terreno começa a ser preparado. Algumas visitas à cidade de Bissau ajudam a preencher o ambiente. A Tabanca do Ze Manel oferece um momento de repouso retemperador e permite capturar o espírito do lugar.



Crónica na Guiné III

Prosseguindo a exploração da Tabanka Ku saudi. Há luz e sombra. Toda a busca de luz deixa um rasto de sombra. E uma alegoria interessante, ainda que, pensando que a luz é energia em movimento, sendo que roda a energia esta em movimento, o que chamarmos sombra é um outro tipo de movimento. Assim, iluminar é uma forma de desvelar. De tornar excecional o normal.

O que é que isto tem que ver com a Tabanca? Provavelmente nada. Mas talvez seja uma perspetiva para olhar o esforço de subverter a logica da comunidade.



Crónica da Guiné IV

Flanando por Bissau velho, resgatando memórias da cidade. Centros simbólicos, espirituais e gastronômicos. Afinal o corpo necessita de ser nutrido.

Aqui e acolá surgem restos de destino cruzados. Tenho vontade de escrever em poesia, cansado, esgotado da prosa que tolhe o sonho e a criatividade.



Mercado do Badim (Crónica da Guiné V)

A vitalidade duma cidade pode se observada nos seus mercados. Dediquei por isso o dia ao mercado do Badim em Bissau. Atravessei o a pé olhando para a diversidade de gentes e produtos. Tudo em grande reboiço. Negócios de ocasião. Tude se vende e tudo se encontra. Nigerianos, senegaleses, gambianos.

As migrações de hoje um fenômeno universal. Não só para norte. São hoje para todo o lado.

O que pode unir. Talvez o futebol. No campo, complexo chamado Estádio Lino Correia, os jovens entretinham se a jogar nesta manhã de domingo.

Acabei a tarde no espaço verde. Restos das festas de Natal, onde com os pés assentes na terra se pode observar um dia de lazer em Bissau.



Retratos (Crónica da Guiné VI)

Rostos de pessoas que passam na rua. Fluxos de histórias que se cruzam, cada parte como um conjunto dum todo.

Palavras que se repetem nos olhos empeirados das gentes. Diferenças diluídas ao longo do tempo, que subitamente jorram de dentro raivas de diferença.

Capturar a essência em fluxo.



Caldo Branco (Crónica da Guiné VII)

Um dos pratos tradicionais da Guiné é o Caldo Branco. Servido com uma base de arroz com um peixe cozido ou estufado, por vezes colorido com um molho de caril (cebola, gindungo, ou quiabo) e servido nas tascas de Bissau ou da província.

É um bom prato, comido numa única gamela, com colher, debaixo de uma árvore frondosa, no pico do calor, com conversa em crioulo.

É isto para dizer que passei o dia entre Bissau e Quinhamel, no distrito de Biombo. Jornada intensa que passa por várias picadas, escolas, centros de saúde, com crianças a jogar à bola em campos de terra batida.



Museu Etnográfico de Bissau (Cronica da Guiné VIII)

Ao sétimo dia em Bissau visitei o Museu Etnográfico da Guiné. Criado no tempo colonial, principalmente com estatuária de madeira dos povos Nadau, passou por diversas vicissitudes. Após a independência foi feita uma mostra do espólio num Museu na Nigéria que não voltou. Na guerra civil, o edifício albergou o ministério do interior e das peças foram para a universidade Amílcar Cabral.

Albano Mendes, o diretor manifestou preocupações sobre o futuro. Acompanhou nos na visita pelas duas salas do museu. Há falta de conservação, falta de inventários, falta de documentação. Tem problemas na área dos audiovisuais. Na Guiné não formação na área do património.

Museus na Guiné: Museu Militar, Museu Etnográfico, Memorial de Cacheu. Museu de Bafatá. Museu de Goleje e Ecomuseu de Tombali. Parque Nacional.



Universidade Amílcar Cabral (Crónica da Guiné IX)

As universidades africanas estão sitiadas. A ajuda internacional deixou de contemplar o ensino superior público.

A universidade Amílcar Cabral em Bissau é um caso paradigmático. Boas instalações, com ar de abandono, apesar dos patrocínios. La vi Gulbenkian, IPL, Universidade Nova de Lisboa. A estratégia é fazer com que os estudantes se formem nas antigas metrópoles e evitar ao máximo a produção de conhecimento local.

Estão assim criadas as condições necessárias para a manutenção da dependência e da injustiça cognitiva.



Na escuta (Crónica da Guiné X)

Na escuta do outro vamos tecendo encontros.

Teresa. Vestiu se de carmim para nos receber no seu templo de vida. Deu nos um pouco do seu tempo. Um tempo que traz vidas a Ilonde na Guiné-Bissau. Conta histórias vividas nas suas mãos.

Cabe-lhe acompanhar a saúde na comunidade. Diz-nos: - Temos que aprender com quem sabe. Não devemos ter medo de perguntar. Todos juntos cuidamos-nos.

Teresa. Parteira que traz a luz os meninos e meninas que andam de jangada no rio Cacheu.

A museologia social e a infância em diálogo



Um país suspenso (Crónica da Guiné XI)

A Guiné-Bissau está numa situação curiosa. Está em curso uma greve dos funcionários públicos, que decorreu, nestas duas últimas semanas de terça a quinta-feira. Na prática trabalha-se apenas dois dias por semana. Como há uma influência islâmica, a sexta-feira tende a ser atividade pela metade.

A greve é contra a falta de pagamento dos salários, que acontece desde setembro. Embora escasso, em 4 meses sem salários, há menos dinheiro a circular. É claro que a economia informal é a base que faz funcionar as coisas. O mercado do Badim continua a fervilhar de gente. Mas na praça, as vendedeiras deixaram de vender.

Não existe na Guiné-Bissau uma classe média, de pequenos funcionários urbanos. Existem, não sei como nomear, remediados. Gente que, não vivendo no limiar da pobreza (com menos de 15.000 Francos XOF) que serão provavelmente 95 % da população; e que não são a elite da governação (os tais 1 %, ligados aos diversos sistemas de poder). Em termos práticos uma cerveja custa, numa tasca de rua 500 XFS. Se excluirmos os que não conseguem pagar a cerveja e os que podem beber as cervejas que quiserem temos cerca de 150.000 pessoas que passaram a racionar a cerveja. Pessoas que podemos considerar como urbanas remediadas.

Isso sente-se nas ruas!

Adicionado a isso, ou talvez fazendo parte do problema, a bizarra situação eleitoral, sobre a qual, mesmo estando em Bissau, é difícil de entender sem fontes de informação consistentes.

Passei ontem, por acaso, na sede do candidato putativamente vencedor das eleições. Aquele que na segunda volta das eleições presidenciais teve, de acordo com a CNE local mais votos. E a democracia. Por um se ganha e por um se perde. Contudo, o candidato derrotado, recorreu à justiça, denunciando uma alegada fraude na contagem de votos.

Em termos práticos. Ouve um vencedor proclamado e há dúvidas sobre o processo. Está tudo em suspenso.

Ontem, ao passar na sede do candidato vencedor, dia em que a CNE proclamou os resultados sobre os quais existem duvidas havia festa. Uma festa sem gente. Suspensa.

Passei e segui, cautelosamente a ver o futebol (o sporting-Benfica) na TV. Sim aqui vê se e segue se o futebol português. Também o espaço parecia suspenso. Sem gente. E olhando para o ecrã também nada se via. Havia um nevoeiro que obrigou a suspender o jogo uns dez minutos.

O estar em suspensão parece que passou a ser o estado natural.

A cultura do Contentor (Crónica da Guiné XII)

Sabemos os efeitos multiplicadores das vias de comunicação para as economias locais. Em Bissau, o mercado do Badim, na Autoestrada que liga a cidade ao Aeroporto, é um exemplo do comércio da cidade. De um lado, para quem entra na cidade, comércio de retalho. Do outro, para quem sai, comércio por grosso, incluindo transportes (de passageiros e mercadorias).

Há uma ordem no caos. Melhor, uma segmentação por atividades. Por exemplo os frescos concentram nas rotundas. Para encontrar têxteis, (com o celebre pano de ponti a escassear e a ser substituído pelos têxteis chineses) é necessário entrar para o interior.

Mas o que realmente é uma inovação são os contentores. Em Bissau constituem a maioria dos bares. Mas saindo para Biombo, são espaços comerciais. Alguns já assentados em base de cimento. Outros já com telhados de colmo para evitar os efeitos do barulho das gotas de chuva.

Vendo bem, tratam-se de espaços móveis, baratos e seguros. Se o comércio não está a dar desloca-se. São ao preço da chuva, pelo que evita a especulação imobiliária. No final do dia fecha-se a porta a cadeado e não há entradas por janelas, portas do fundo ou buracos no telhado.

Olha-se a cooperação portuguesa, o Camões ou Gulbenkian se lembrassem de fazer bibliotecas em contentores. Isso é que era literalmente espalhar a língua português no espaço do Kriole.

Pano di Pinti (Crónica da Guiné XIII)

A malta cooperante que antigamente vinha para a Guiné-Bissau, geralmente professores envolvidos nos processos de alfabetização, regressavam sempre com os célebres panos de pente (em Crioulo Pano di Pinti). De padrão geométrico, de cor cinzenta, geralmente usado à volta do pescoço, ajudava a suportar a invernia lisboeta e ao mesmo tempo dava um ar exótico.

Ora hoje decidi explorar o mercado do Badim, a procura dos ditos panos, património da Guiné-Bissau, hoje com concorrência feroz dos panos sintético made in Indonésia.

A diferença de qualidade é grande. Feitos à mão pelo Façal, em fibras naturais foram usados pelas personagens mais relevantes da sociedade manjaca e os seus padrões contavam histórias dos griôts.

Caldi di Djeben (Crónica da Guiné XIV)

Nas férteis terras do Cacheu, come se o Caldo de Djeben, um caril com cebola e óleo de Palma. Come se com arroz branco e peixe fresco.

Adentrando na região para por a mão na massa dos agentes comunitários. Gente simples. Dedicada ao outro. Rostos empenhados na tarefa. Dos melhores que encontramos. Gente que quer ser útil ao outro. Cada traz uma lição de vida. De Pecixe, de Ingoré.

Viajam em picada para olhar nos olhos do que nascerem. Olhos da esperança numa vida.

Cabral (Crónica da Guiné XV)

O 20 de janeiro é feriado na Guiné-Bissau. Recorda se Amílcar Cabral (1924-1973) o fundador do PAIGC. Assassinado neste dia na Guiné Conacri, de onde dirigia a guerra de libertação.

Neste país, por ele desejado, embora feriado, não existem grande lembrança no espaço público. Um fim-de-semana prolongado deixou a cidade vazia. Ou então e mesmo assim, o modo como a lembrança funciona.

Datas são marcas do tempo. Marcas que se vão dissolvendo. Mas há, para além do tempo uma herança. Uma herança que persiste em ser disputada.

Cabral foi um homem político, protagonista dum tempo de libertação africano. Dum tempo em que África se liberta da dominação colonial, e se afirma no mundo global. Cabral foi nesse tempo um ator relevante.

Cabral é hoje, por via dessa ação uma figura de referência sobre o pensamento político africano. Os seus escritos continuam a enunciar problemas persistentes.

Não deixa de ser curioso observar, que para além da espuma dos dias, as letras pensadas e juntas por Cabral, neste português que se vai tornando Krioul, é simultaneamente um instrumento de resistência e de libertação e um lastro que nos convoca ao passado e nos faz presente. Um dilema para resolver.

Eu lembro-me.

Sintadu i ka djuntu ku djungutudu (Crónica da Guiné XVI)

De regresso a Bissau, dia 23 de janeiro, dia em que nos idos de 1963, o PAIGC inicia a Luta de Libertação Nacional, Portugal conhecida como Guerra Colonial. Não é certo que seja feriado, mas ninguém trabalha. A Praça está deserta enquanto no mercado do Badim se mercadeja.

Passo indolentemente pelo novo jardim do N' Batonha, um presente da cooperação portuguesa à cidade de Bissau. Trata-se de uma área lagunar, provavelmente resquícios dum antigo tarrafe, certamente açorado como era vulgar nos anos 30. Agora está bem bonitinho. Com desenho de arquiteto, explicações sobre a importância das zonas húmidas, da água, das alterações climáticas, da fauna e flora local. Enfim valorização imobiliária da envolvente e mosquitos na estação das chuvas.

Curiosamente, saindo da praça, na fachada do hotel Ancor, um mural. Paro para tirar a fotografia da praxe. Melhor um silhar com uma representação africana.

Um guineense já idoso, amigavelmente corre para mim e fala "sintadu i ka djuntu ku djungutudu". Saúdo-o, um pouco apreensivo sobre a intenção. Os guineenses são amigáveis, mas nós europeus brancos, vacilamos com a familiaridade excessiva de estranhos na rua. Diz-me então tu português. Estás cá sentado ou de cócoras. E que estar sentado não é o mesmo que estar de cócoras.

Descodificada a conversa, lá o convenci sobre a minha estada. Lá-me explicou que o painel era do pintor guineense Augusto Trigo e lá-me contou a história do pintor e dos seus desenhos.

Afinal são bem curtos os laços da memória. Estava longe de pensar encontrar o desenhador da minha juventude, dos desenhos do mundo de aventuras numa rua de Bissau. Ao lado uma pomposa intervenção de requalificação urbana. Estranha valorização do património local.

Nô Sta Djunto (Cronica da Guiné XVII)

Olhando as gentes nas ruas entende se o tempo vivido. O ocidente teima em tornar o africano, neste caso o guinéu, numa réplica dos povos do norte. Povos que vivem sem tempo, alienados nas suas rotinas kafkianas.

Em Bissau, nas sextas-feiras, a poesia sai há rua. Jovens passeiam se as ruas. Entrelaçam se de amores ao som do tráfego. Os mais velhos procuram um frango assado e levam para casa saboreando o fresco da noite num Pátio frondoso.

São modos de estar, que Cabral identificou com poesia nas suas formas de resistência. Os guinéus resistem e recriam-se. Estão no penúltimo lugar dos mais pobres entre os mais pobres. Mas aqui estou convencido que a pobreza e da medição estatística. Se a felicidade e o tempo fossem medidos, eram talvez mais ricos. Externalidade diriam os economistas.

Kunsi Balun de si (Crónica da Guiné XVII)

"Tomar conhecimento de si" é o modo tacanho como traduzi uma frase que me foi dita hoje em Bissau por uma quitandeira. Não sei se é assim que aqui se chama as vendedoras de rua. Aqui, ao longo da rua Osvaldo Vieira, quando se desce em direção ao porto, ao sábado de manhã há um mercado de rua. É possível comprar ostras, camarões, lambujinhas e outros peixes.

Expostos ao sol e a inclemência do tempo, não me parece recomendável o consumo ao natural das ostras, que são apanhadas nos tarrafes. Um outra palavra que aqui apendi, de onde vem o nome do Tarrafal, que nos anos 30, quando ali se instala o campo de concentração, estava cheio de mangais.

Ia eu pela avenida que leva o nome do tal comandante da frente leste, paro em frente da quitandeira, pergunto-lhe o preço das ostras, 1.500 Francos.

-Caro digo-lhe. Responde me ela: Cada um sabe se si em Criol.

O Gerador (Crónica da Guiné XVIII)

Há por aqui um velho gerador. Jaz triste, empeirado, exposto às intempéries inclementes de África.

Foi feito para trazer luz. Para dar energia a quem dela necessite. Jaz emudecido.

Tem inscrito as organizações doadoras. Foi gasto dinheiro para o comprar, para o manter. Podia dar luz e energia. Dá dó vê-lo ali no canto, abandonado. Castrado de sua função.

Podíamos pensar que é incúria dos homens. Desleixo de quem devia zelar pelo bem comum. Talvez seja apenas esquecimento.

A cooperação em África é hoje uma espécie de gerador abandonado. Ouvimos as histórias de milhões que transitam sobre o Atlântico. Vemos poucos a fazer um trabalho desinteressado para ajudar os outros

Este gerador podia dar luz. Mas jaz aqui emudecido. E seria simples torna-lo útil. Ou talvez não? Estranha forma de trabalhar.

A escuta (Crónica da Guiné XIX)

Um dos exercícios mais interessantes de se fazer é olhar para o modo como as pessoas se escutam.

Hoje, numa rara experiência, participei numa reunião de expatriados, como agora se nomeiam os cooperantes, e fiquei com a triste convicção de que ninguém escuta ninguém.

Isso é, digamos assim vulgar em Portugal. Mas convenhamos. Numa terra como esta, para quem está a construir com as comunidades, a escuta é meu ver, um exercício básico. A escuta do mundo e a escuta do outro.

Canchungo (Crónica da Guiné XX)

Ao longo do dia viajei por Canchungo pela 2 vez numa semana. O objetivo e dar apoio a distribuição de medicamentos na comunidade.

A indústria farmacêutica encarrega se de fazer chegar genéricos em frascos brancos, pilulas de cor. Vermelhas para desparasitação, azuis para suplemento vitamínico às crianças com menos de 5 anos. O objetivo e prevenir a desnutrição.

Depois de abertos, o responsável pela manipulação dos medicamentos espalha os comprimidos numa mesa e conta-os em pequenos montinhos. Seguirão amanhã, pelas 7 para suzana, varela e São Domingos, e serão distribuídos pela rede de Agentes de Saúde Comunitária nas diversas tabancas.

Uma rotina que alimenta una roda gigante de atores. Mobiliza a comunidade e que dá oportunidade de conhecer uma realidade local.

Drogas e desenvolvimento (Crónica da Guiné XXI)

Que as sociedades desenvolvidas ganharam a batalha contra a mortalidade através dos sistemas de saúde e um dado conhecido. Também o é na relação entre a redução das doenças infecciosas com o desenvolvimento do saneamento básico e da higiene. A descoberta dos antibióticos foi uma importante ferramenta contra endemias como as pneumonias as tuberculosas.

E certo que não resolveu tudo. Ciclicamente surgem "fenómenos" estranhos como os ébolas, o VIH/sida; as gripes das aves e os Coronavírus. A esperança desenvolve-se mais uma vez no desenvolvimento da farmacopeia. Por vezes, cada vez mais sonoro, chama-se a atenção para as práticas de vida saudável, com apelo ao combate ao sedentarismo, o uso do tabaco, o consumo de álcool, a dieta alimentar, etc.

Há uma crença que a replicação dos sistemas de saúde ou das práticas de saúde do norte, permitirão aos povos do Sul, entenda-se África e Sudoeste Asiático, sair da pobreza extrema, da elevada taxa de mortalidade infantil, e da redução de fome e pobreza. A saúde e a escola são dois instrumentos potentes, que são a base dessa *crença*

Talvez esta não seja a palavra mais adequada. Mas traduz uma parte do que pretendo problematizar. Não basta distribuir medicamentos ou fazer os alunos ir à escola para que isso suceda.

Nos próximos dias ampliaremos essa reflexão a partir da experiência da Guiné

Tiná Silá mulher africana (Crónica da Guiné XXII)

Dia 30 de janeiro há tolerância de ponto para as mulheres guineenses. Foi neste dia que Tina Sila, combatente do PAIGC , que morreu em combate em 1973, quando atravessava o rio Farim, no norte da Guiné.

A questão esta pouco reconhecida na sociedade. A tolerância de ponto e isso mesmo, uma tolerância, que é muitas vezes arrumada para a sexta-feira, numa questão de conveniência.

As ONG que estão no terreno podiam ser um elemento que valoriza se a presença e o contributo da mulher guineense na sociedade. Sao elas que trabalham a terra, sao elas que dão há luz. Sao elas que cuidam das crianças.

Esta data podia ser mais do que um simples incómodo de quebra de trabalho e ser usado para algo mais relevante.

Senhores do chão (Crónica da Guiné XXIII)

Existe na Guiné-Bissau uma tradição que afirma que em cada tabanca existe um senhor do chão. Aquele que foi ou descende daquele que primeiramente assentou tabanca no sítio.

A subida dos níveis das águas estão a afetar as populações ribeirinhas. O governo remove as para outras terras, com outros senhores do chão. Conflitos anunciados.... ou talvez não.

As ONG'S e o Desenvolvimento em África

Faz a 4 de fevereiro, 59 anos sobre os eventos de Luanda que originaram aquela que ficou conhecida como Guerra Colonial. Como guerra que foi, defrontaram-se duas forças. Hoje sabemos bem que estas guerras tinham também os seus contextos.

Passados estes anos, os da guerra e os das independências, novos países se formaram, todos eles com realidades distintas. Uns mais ricos, com matérias-primas ou commodities que alavancaram riquezas e exuberantes e duvidosas. Outro menos ricos, que sobrevivem das ajudas internacionais.

Ouve tempos, em que os Estados, do norte, canalizavam ajudas de forma direta - estado/estado, apoiando por vezes as ONGd, estruturas frágeis da "sociedade civil". Hoje é prática comum a cooperação por delegação. Os apoios são mais robustos, voltados para objetivos concretos, balizados no tempo. Mas as fragilidades das ONGd não desapareceram.

Ora no caso da Guiné, com um estado frágil, as ditas "ajudas" são em muitos sítios um fator de circulação de riqueza. O problema é saber se a fragilidade das ONGd em estados frágeis, gera efetivamente riqueza ou se são apenas fogachos lançados ao ar.

Serie Cronica da Guiné XXVI

Os buracos (Crónica da Guiné XXIV)

A estrada entre Bissau e Canchungo é um mundo de diversidades que mostra o que é a transição entre a cidade e o campo. Com quase meio milhão de habitantes, quase todos alojados em moradias geminadas de telhados de quatro águas em zinco, com um varandim sem muro, por vezes vivem várias famílias num chão.

Bissau tem um traçado regular. A partir das vias estruturantes os bairros sucedem-se cada vez mais orgânicos, com populações mais vulneráveis. Embora seja uma cidade agradável, é difícil de flunar devido ao pó e ao intenso cheiro de gasóleo.

A medida que saímos da cidade, pela rotunda do aeroporto em direção a Safim, o espaço torna-se progressivamente mais rural. Aumentam os animais e as crianças, as casas vão-se progressivamente distanciando. Apenas ficam os buracos na estrada.

A Guiné deve ser o único sitio em que os pões andam no meio da estrada, já que os carros procuram as bermas para fugir ai alcatrão esburacado.

Enfim coisas da Guiné-Bissau. Há minha frente um 7place com o emblema do Sporting e a cara do Che Guevara. Na escola de Caió a, construída pelo governo revolucionário bolivariano da Venezuela. Mais adiante uma escola com a esfinge do Eng.º. Guterres. Paramos num contentor transformado em bomba de Gasolina.

Estranho mundo este. Há que entender a lógica do buraco.

Cacheu (Crónica da Guiné XXV)

Viajo entre Canchungo e Cacheu num 7place. Na verdade iam 15 pessoas amontoadas em 3 filas de bancos mais as suas cargas. Os 7places partem da praça, a um km da bomba da Galp, o único sítio onde se toma café em Cachungo. Sigo a pé e procuro o ponto de partida.

Ensanduichado la partimos, numa viagem de cerca de uma hora, com o vento a bater na cara, parando aqui para largar pessoas, acolá para deixar carga, num processo de disseminação de cargas.

Chegado ao Cacheu, procuro o Memorial. Breves conversas com Cambraima Cassama responsável pelo memorial. Falamos de uma rede de museus da Guiné, de formações e acabamos a comer uma corvina no restaurante da Gabriela, instalados em cima do pontão, embalados na suave brisa do rio Cacheu.

Tempos de conversa fluida. Modos de entender o local. Terminado o almoço la fui ver o forte. Um pequeno fortim, alcandorado sobre o rio. Dentro as estátuas coloniais. De fora o mangal e os pescadores mandingas.

Um domingo que valeu a pena ser vivido.

Saúde Comunitária versus Saúde Global

Saude comunitária na Guiné-Bissau está num estado caótico. E difícil num postal desta dimensão desenvolver completamente a questão.

Há questões mais gerais, que se prendem com a organização do "Estado" da saúde pública no país. Estado aqui como organização política, geralmente caracterizado com frágil. Portanto sem uma capacidade de ser ator soberano na totalidade do território. E estado, como diagnóstico do sistema, também frágil porque dependente de muitos fatores externos.

Mas, e isto é uma grande supressa para mim, ao contrário do que é a opinião vulgariza, funciona com pessoas dedicadas, responsáveis e com grandes competências humanas.

O sistema sofreu muitas influências. Tendências europeias de planeamento centralizado. Influências cubanas, com os sistemas de planeamento também centralizado. Algumas tendências de sistemas africanos (senegal e Nigéria) da China. Mas apesar de todas estas influências vai funcionando com as pessoas.

O tal "sistema" funciona dentro desse caos. Múltiplas influências, falta de dinheiro. (Diz-se que desapareceram algumas dezenas e milhares de dólares), o que tem como natural consequência, atrasos nos salários. Apesar disso funciona. Com os seus médicos e enfermeiros.

E a tal ajuda ao desenvolvimento não poderia ser uma ajuda. Sim. Claro que sim dirão os mais crédulos nos princípios da ajuda humanitária.

Mas talvez não seja isso que esteja a acontecer. Parece que as ONGd estão a transviar a ajuda humanitária. Vejamos o caso da saúde comunitária no âmbito da saúde global:

Os indicadores de saúde não são completamente fiáveis. Mas sabe-se que por analogia com a região, que há uma elevada taxa de mortalidade materno infantil, uma elevada taxa de incidência de desnutrição, de doenças infecciosas (diarreias, pneumonias), etc. Aqui a Saúde comunitária tem vindo a atuar para reduzir a intensidade destes indicadores. Com algum sucesso moderado. Mas faz a diferença.

A questão que esta atualmente em jogo é saber se essa saúde comunitária se concretiza como complementar ou como componente do sistema.

As tais ONGd parecem estar ainda a definir as suas estratégias, quando a dinâmica já está no terreno. Uma dinâmica centralizadora, como é prática habitual das agências das NNUU. Talvez aí uma estratégia comunitária mais clara pudesse fazer a diferença.

Serie cronica da Guiné XXVII

Os meninos de Deus

Vai para uma dezena de anos, na velha cidade de Lisboa, ainda revolucionária e popular, vagueavam, invariavelmente aos pares, sempre com o nome de Helder ou Inga, trajados com camisas brancas e calças ou saias cinzentas. Abordavam os mais incautos nas ruas divulgando a mensagem divina os "meninos de deus".

Eram jovens, imaturos, provavelmente lançados para terras agrestes para ganhar calo, perseverança e fortalecer a sua crença. Poderemos comparar esses meninos de deus com os atuais expatriados em África, lançados em terras inóspitas, com costumes e comida estranha, a quem compete "evangelizar" com a doutrina tecnocrata, que os ajude a encontrar o "caminho" para a redenção ou para o desenvolvimento como agora se diz.

Por várias razões tenho tido contato com essa realidade desde os anos oitenta. E não posso deixar de notar a transformação que se sente na presença de "quadros" técnicos em África. Não sei se será uma deficiência cultural, ou uma diferença técnica, ou mesmo uma diferença de processos educativos. Mas dum modo geral o que eu vejo é uma grande incapacidade de lidar com o outro, de reconhecer o outro, de sair da sua zona de conforto para explorar a diversidade, e sobretudo uma enorme desadequação dos processos às realidades locais.

O que me admira muito é como e que isso é aceite localmente. Talvez seja a velha sabedoria africana a funcionar. Eles sabem que mais tarde ou mais cedo todos partem, os projetos acabam e outros lhe sucederão. Entretanto vão vivendo e divertindo-se, presumo eu, com os afãs tecnocráticos dos anjinhos, sempre com pilhas de papéis e bolsas de pc, onde se amontoam letras, palavras, linhas e parágrafos que retratam uma realidade que não conseguem ver.

Serie Crónica da Guiné-Bissau XXVII

O anjo branco

Estes postais estão com conteúdos um tanto escatológicos. Mas a escrita dum diário tem destas coisas. Uma vez o olhar fixa-se num determinado tipo de coisas, outras vezes noutras, balançando ao ritmo das diferentes jornadas.

Vem o título "Anjo Branco" a propósito dos tais meninos que na ansia de se encontrarem com as comunidades acabam por participar em atividades que se reconheçam. Há, grosso modo, dois tipos de pessoas expatriadas. As que se encerram nas suas redomas, contando os dias que passam; e aquele outro que aproveita o tempo e o espaço, ainda que nele inscreva a diferença.

A história é narrada numa forma simples. Estávamos ao fim da tarde debaixo duma mangueira, em amena cavaqueira, dando uma charlas. Quando a Carol conta a sua história; Havia chegado há pouco tempo à Guiné. Procurava aproximar-se da comunidade. Seguiu os passos reconhecidos, e vai juntar-se ao coro da paróquia. Isto apesar de não ser dotada para as cantorias, acabando por mais fazer play back para evitar contaminar as poderosas vozes femininas.

O coro corria com regularidade, eis quando o padre pede Voluntários para fazer um presépio vivo. Voluntária acaba por lhe caber o papel de "anjo branco".

Fiquei um bocado cismado na imagem dum presépio vivo, onde no fundo da cena sobressaia, na sua alvura um anjo.

Veio-me à memória o filme de Wenders. Esse diálogo civilizacional tomado no alto do muro de Berlim, num mundo que ruía a leste, submerso pelo potencial de acumulação desenfreada de emoções. Há quem diga que esse mundo está condenado. Talvez resista ou se transforme. Mas essa imagem de Anjo Branco não me tem deixado ao longo do dia de hoje, a ponto de sobre ele me rir debaixo duma mangueira.

Não há dúvidas somos anjos brancos que testemunham o fim de um determinado tempo.

Série Crónica da Guiné XXVIII

Os europeus em África

Nos tempos em que se estudava África, isto é, os problemas inerentes ao continente africano, da diáspora dos seus povos originários (entre as quais a tragédia que foi o tráfico negreiro), das suas línguas e culturas, das suas economias e das questões do desenvolvimento, da sua natureza única, era norma alertar para a sua especificidade. Isto e para aquilo que nela é essencialmente diferente dos europeus.

Uma dessas diferenças é a relação que se tem com a palavra. Em África, a palavra, ou se quisermos a oratura tem um espaço privilegiado.

Ora os meninos que hoje aportam a estas terras chegam cheios de tecnologias, impingem papéis e mais papeis para procurar retratar a realidade. Esquecem com isso o essencial, que é pela ação concertada com o outro, através do acordo, que se produz mudanças.

No final dos projetos, sempre cheios de objetivos, de medidas e ações, de propostas de parcerias, que pagam durante alguns meses as necessidades dos atores locais que se encontram posicionados em instituições replicadas da europa, em instituições que não conseguem mobilizar recursos, em estados frágeis em situações de volatilidade, os projetos acabam, os meninos vão-se embora e são substituídos por outros meninos, por outros projetos, que se replicam a si mesmos.

E eis que os Europeus teimam em não entender África.

Serie Crónica da Guiné XXIX

Mulheres com Chama

Viajo de 7place de Canchungo para São Domingos com o objetivo de ir conhecer a Cachupa da Mana Queta. Apertado, no banco de trás, entre duas muçulmanas que me oferecem laranja e água nuns saquinhos de plástico. Paragem em Ingore e abasteco me com caju. Compro uns bolinhos de mandioca e sigo.

Ao chegar a São Domingos desço na bomba de Gasolina e faco um repasto duma Cachupa rica. O restaurante da Manaqueta é conhecido como um dos melhores da zona.

A caminho da cidade paro no campo para ver o jogo de futebol entre o São Domingos e Ingore. Uma espécie de Porto Braga da Guiné. Duas equipas rivais. Um campo fechado, onde se paga 25 francos para entrar, com gente apinhada numa bancada rustica. Em cima das árvores. Os jovens arrastam a asa. As meninas olham de soslaio. Eles vão atrás com olhar se Carneiro mal morto.

De súbito golo. Adeptos correm atrás do marcador. A polícia atrás dos adeptos. O marcador fogem dos adeptos e da polícia. Acaba em empate.

Fechamos a noite no Otavio. O Porto joga com o Benfica Há mulheres com garra. Mais mulheres do que homens. Comemos uns camarões. O jogo vai começar. Elas gritam, saltam São adeptas dos dragões. A sala vibra.

O futebol reúne toda a gente. E um rasto de cultura.

Série Crónica da Guiné XXX

Relíquias: Do iluminismo ao sal da terra

Da parte da manhã, em São Domingos há festa da paróquia da Santa Bakhita. (Josefina Bakhita). Uma mártir somali de que se guarda uma relíquia.

Recordo me da novela do Eça de Queiroz, cuja personagem vai a Jerusalém procurar uma relíquia a expensas da tia. Uma relíquia é algo que conecta. Alfo que vindo do passado nos faz membros duma comunidade.

Na Guiné-Bissau a igreja católica entende essa necessidade de fazer o sincretismo entre Roma e a tradição Africana. Em cada lugar vai buscar elementos da cultura local, que integra na missa.

O tempo, pausado, solene com a gramática clássica, integra vários elementos da cultura local. O crioulo com língua de comunicação, a música e a dança em vários momentos performativos, tal com recomenda o Vaticano II.

A missa crioula é mais um sinal da falência a política da língua em Portugal. E podia ser um elemento de força integradora.

Mas regressando a questão da relíquia. A relíquia cumpre uma dupla função. Conserva uma memória e ilumina o futuro, com o deus janus, que olha simultaneamente para o passado e para o futuro. A luz que ilumina simbolicamente o caminho, junta-se o sal, que simbolicamente conserva.

Cabe a cada comunidade conservar as suas relíquias, mas ao mesmo tempo encontrar caminho de futuro. Uma comunidade necessita de luz e sal.

Continuo um tanto escatológico. Mas são estes os reais com que tropeço.

Série Crónica da Guiné XXXI.

Misses em África

Há jovens que são naturalmente irradiante. De pés no solo, devido a uma formação íntegra, dedicam-se aos outros, na procura de caminhos.

São tortuosas as soluções possíveis. Mas as viagens para África são sempre possibilidade que potenciam o benefício do encontro com o outro. E situações que implicam esse tipo de encontros são formas de crescimento.

Vem isto a propósito das voluntárias de São Domingos. Gente que se dedica aos outros, graciosamente, mas que se torna muito rica culturalmente.

Foram misses, atletas de competição, concluíram com sucesso cursos e procuram completar a formação com o "grã tour" com que a aristocracia britânica brindava os lords Byron. Afinal o turismo ainda serve para alguma coisa. Trabalhos notáveis que são sementes lançadas no tempo.

Série crónica da Guiné 32

Nuvens e ventos

O 7place bordeja com cautela a estrada esburacada. A caminho de Ingore, na região do Cacheu, passo baixas de tarrafes, onde as marcas das chuvas permanecem no macadame. Ultrapassada a baixa, sobe-se uma ligeira colina onde assentam, por vezes as Tabancas, geralmente de pescadores recolectores que armadilham com redes as baixas da mare. Apesar de ligeiramente melhor, a estrada nestas colinas, apresenta de quando em vez grandes crateras, o que obriga o condutor a cuidados redobrados.

Os 7place são uma espécie de todo o terreno, que à força de viagens sem fim, mostram mazelas nas suspensões, nas chapas, nos vidros. Cada chegada com sucesso é um pequeno milagre.

E para acumular as mazelas, o excesso de carga e passageiros também não ajuda. Mas cabe sempre mais um.

Avançava eu para Ingore, quando ao longe se formavam umas nuvens avermelhadas. Vinha de norte, da fronteira com o Senegal, que dista a poucos km para norte.

Chegados a Ingore, a estrada divide-se. Para Leste para Bigene, para sul, para Bara-Bissau. Na verdade a região administrativa do Cacheu apanha toda a área entre o Senegal/ Casamansa e o Rio Mansor, que constitui a região do Biombo. É portanto um importante entreposto, já que as ligações fluviais não existem. Como entreposto comercial que é, quando o 7place para, logo as quitandeiras se apressam a oferecer água fresca, laranjas, caju, bolinhos de mandioca, bananas. Com algum tempo pode-se mesmo negociar uma galinha, uma cabra ou um porco, para oferecer aos parentes ou a alguém da família alargada.

Vendedeiras que afluem como o vento. Chegam e partem como bandos de pardais, embora não visto pardais por aqui.

Na Guiné-Bissau quando as nuvens se avolumam, logo vem o vento que dissipa.

Serie Crónica da Guiné # 33

Luz e sombras

A questão da energia eléctrica é um problema em África, sobretudo em meio urbano. As populações estão a concentrar-se nas áreas urbanas. É algo lógico.

Aí há serviços, comércio, oportunidades de negócio. Já não falo de equipamentos, escolares ou de saúde, pois isso é necessidade que ainda está longe da maioria da população.

Na Guiné-Bissau, em Canchungo, na região de Cacheu, uma pequena capital regional a 150 de Bissau (2 horas de caminho) concentra, cerca de 20.000 habitantes, numa média de 10% do total.

O povoamento é essencialmente disperso, mas na cidade, tendem a afluir populações que reproduzem pequenos modos de vida das tabancas. Aqui e acolá nota-se já algum investimento numa habitação melhorada, mas ainda assim. Não estamos longe da vida numa Tabanca.

A questão da energia aqui poderá fazer alguma diferença. Acesso a energia e acesso a internet, a frigorífico, a carregamento de telemóveis e a tudo o mais que constitui o chamado "modo de vida moderno".

Tenho mais tempo para escrever estes postais, que ficam invariavelmente em espera até ao ressurgimento da rede. Aproveito o fim da tarde para cozinhar, já que o frigorífico para, trabalho ao ritmo do dia. Entre a luz do dia e a sombra que periodicamente me isola do mundo.

A questão todavia não é que não haja energia de todo. É que há energia, gerada num velho motor diesel, um pequeno negócio que oferece energia por tempo balizado. No período diurno das 10 às 16; e no período noturno das 20 às 4 am. Simples. É só ajustar o ritmo de vida às contingências.

Série Cronica da Guiné #34

Aprendizes de executivos

Dá-me arrepios a impreparação dos cooperantes (expatriados na nova nomenclatura) em territórios africanos.

Questões tão simples como o valor da palavra e o exercício da escuta são pura e simplesmente ignorados, valorizando a ação de imposição da autoridade conferida pela distribuição de incentivos, como por aqui se chama ao pagamento de atividades dos locais (objetos de ação de desenvolvimento) quando são chamados para participar em atividades.

Os locais, que por vezes nem salário recebem, e que sabem que mais cedo ou mais tarde os "doadores" concluem os seus projetos e zarpam satisfeitos com os resultados, sempre atingidos, mas que logo se desvanecem como a espuma das ondas ao vento, aceitam divertidos as ofertadas dos "brancos". Afinal, o importante é a ajuda.

Será que estas ajudas ao desenvolvimento são incluídas no VAB para efeito da redução da pobreza?

Serie Crónica da Guiné # 34

A cobra e o professor

Avançava pela avenida central de Canchungo quando uma pequena cobra desliza por entre os meus pés. Paro na dúvida do potencial risco. Ela medrosa, retira se veloz serpentando pela estrada. Nunca usei esta palavra com tanta propriedade. Ambos, eu e o réptil nos amedrontamos. Faz parte do jogo. Na dúvida interrompemos os movimentos. O réptil mais lesto, talvez instintivamente, recua. Eu mais supresso paro e perante a fuga, descontraio.

E claro que penso sobre o risco de uma cobra entrar em casa, ou em qualquer outro sítio. Mas enfim, talvez seja melhor não pensar mais no assunto.

Enquanto isso, o professor, do outro lado da rua dava a sua lição. Professor de adultos, diz a teoria, é um mediador. Mas na Guiné-Bissau, o educador de adultos replica a lição magistral. Os brancos tucas, que supostamente estão a "capacitar" aproveitam também para se ouvir. No final todos saem e não se medem resultados.

Lição. A cobra, instintivamente, perante um obstáculo resolve. O humano, perante um obstáculo insiste em falar. Toma a palavra para se ouvirem a si próprios na vã ilusão que as palavras simples mudam o mundo.

Sim. Há palavras que mudam o mundo. Mas sao palavras que geram vida e não palavras que replicam vaidades.

Serie Crónica da Guiné # 36

Nô Papi - Homem Grande

O Sr. Fernando é homem grande de Canchungo. O Régulo que regula o poder social. Autoridade tradicional dispõe de um poder de influência e persuasão.

Entra na sala dos Técnicos de Saúde comunitária no hospital de Canchungo, pronuncia breves palavras sobre a importância dos agentes de saúde comunitária. Com voz pausada, em tom suave, persuasivo, gesticulando com as mãos em largos movimentos.

O silêncio da sala deixa notar respeito e admiração. Peça determinante para que as vozes dos agentes da comunidade sejam também respeitadas ouvidas nas tabancas.

Chamam carinhosamente Nô Papi! É homem grande!

Crónica da Guiné #37

Jogos de rua

O futebol, já aqui escrevemos, é um fenómeno global. Na Guiné-Bissau segue-se com religiosidade o campeonato português. Há adeptos do Benfica, do Sporting, e do Porto. Em Bissau, talvez resquícios do tempo antigo, há casas dos dois primeiros. Não vi ainda casa do Porto, embora, nos dias dos jogos, se vejam aqui e acolá "adeptos" com t-shirts azuis e brancas.

Em Canchungo, joga-se futebol na rua. No bairro dos pescadores, na ponta oeste da vila, ao pé das pedreiras, num largo de convívio, juntam-se ao fim da tarde os jovens, já adolescentes juntam-se para uma peladinha. Literalmente num campo pelado, com balizas improvisadas com troncos, despicam arduamente a bola. O calor faz suar os corpos. Alguns deixam as camisetas de lado, deixando brilhar os peitorais com o suor. Al longe, as jovens fêmeas passam, deixando tímidos olhares de soslaio. Eles esforçam-se ainda mais, talvez para ficar bem visto na fotografia, e marcar pontos no coração da dama eleita.

De quando em quando, uma motorizada interrompe o jogo. Espera-se que passe. Outras vezes e uma criança na sua bicicleta. Outras vezes eu passo e param. Eu desvio-me para a zona da loja do Mohamed, e paro durante alguns minutos. Olha para os jogadores em ação. No geral pouca técnica, muito entusiasmo. Tal como em qualquer outro lugar. Há os mais jeitosos e os mais atrapalhados. Os que correm muito, os mais pausados; os que gesticulam e gritam e os mais discretos. De quando em vez um golo, entusiasma um dos lados com festejos.

Estava hoje nas minhas observações, quando de repente a turma dispersa rápida, perdendo-se nas tabancas. O jogo do Benfica ia começar. Interroguei-me, onde raio iam ver o jogo. Não havia luz, pelo que teria que ser em algum sítio com gerador, e com RTP África.

O futebol une gentes e torna-se progressivamente num esforço coletivo. Este campo pelado situa-se no Polo de Apoio Pedagógico do Camões em Canchungo. Uma estrutura fechada, aparentemente abandonada. Como já escrevi num outro postal, a solução para este centro talvez esteja mesmo à sua frente.

Crónica da Guiné #38

Patrimónios e Heranças

Depois de 2 dias sem net com energia pela metade, regresso a Bissau. A cidade prepara-se para o carnaval. Saio do Bairro da Cooperação para um petisco no Bairro da Ajuda. No Frango Criollo juntam alguns residentes, para ao fim da tarde, conviveram à roda da mesa.

Domingo é dia de descanso semanal e as gentes encontram-se debaixo das árvores, em roda. Alguns com chá, noutros com sumos ou aguardente de cana, os mais sofisticados com vinho português. De pias, JP ou Monte Velho.

Na TV vem-se imagens do jogo. Ao longe, sem som, percebe-se uma polémica, racista.

Nas redes sociais, dá-se conta das polémicas patrimoniais em Portugal. Substituições nos órgãos do estado - que suscitam apreensão da sociedade civil. Quadros / objetos de museu, subitamente transformados em peças decorativas. Polémica. Tesouros não são turismo dizem muitos.

Entre racismo e gentrificação, visto a esta distância, a partir do lugar de observação, num país sem estado, o velho terrão mátrio teima em se enveredar nas questões levantadas pelo Luís Vaz, entre velhos do restelo e empreendedores de ocasião.

O mundo está mesmo a mudar muito rapidamente.

Crónica da Guiné #39

A picada do mosquito

A simples picada duma mosquita, duma estripe, vulgarmente chamada de plasmpdiun egiptae, produz febres, dores de cabeça, vômitos, calafrios.

Ao fim da tarde, ou ao amanhecer o silencioso inseto ataca. Uma ferroadada e zas. Umas larvas viajam pela corrente sanguínea, instalam se no fígado e la esta a sessão. Por vezes, instala se no cérebro e é fatal.

Tratamentos há. O coartem a quinina. Nada que uma água tônica não substitua.

São cada vez mais os mosquitos que por ai param. Secamos lhes os pântanos, e eles tomam conta da cidade. A procura da sua picada. Zzzzzz!

#Crónica da Guiné #40

Mana Clea

Chegam de manhã cedo, naquele andar característico das gentes da Guiné. Balançando o corpo ao sabor da brisa morna da manhã enovada no Biombo. Falam alta e expressivamente. Em Kriol. O tom de voz é expressivo. Segue um padrão musical. Vou entendendo umas coisas aqui e outras acolá.

Falam das Tabancas. Dos ASC, um jovem escolhido pelo chefe tradicional, treinado para seguir a comunidade e assegurar uma ligação ao centro de saúde local. Boas intenções que aqui e ali vão funcionando porque há manas cleas e tios costa que acreditam que esse trabalho é importante.

Mesmo ao lado, a Universidade de Medicina cubana Jose Arguelles inicia os trabalhos de Semana. Cantam o hino da Guiné-Bissau e de Cuba. Velhos resquícios dos tempos heroicos da revolução. Continuam a fazer sentido.

Curiosamente os "comunitários" alheiam-se da encenação. Estão noutro filme.

Crónica da Guiné-Bissau #41

Trânsitos guineenses

Há uma particularidade guineense, em que as coisas acontecem, quando tem que acontecer. Lentamente.

Os drivers são simpáticos mas ao mesmo tempo loucos. Guiam sempre em frente e só param se houver obstáculo.

Na terra é assim mesmo. Um pé de cada vez. Lá dentro há uma ordem. Branco vai à frente. Criança de escola não paga, nas partes de trás, “na parti di trás”. Estão a ver como o kriol flui. A senhora di trás tem galinha. Agora entra uma professora. De óculos, livro di matéria, cheirosa. Sai mais à frente, na tabanca da ponta di gori. A meu lado o motorista barafusta com o motor. Sai para colocar óleo de 5 em 5 minutos. Cada vez que para na paragem o motor emudece. É preciso empurrar.

Mas cá chego a Bissau. Um bom momento e uma viagem rápida.

Crónica da Guiné # 42

Nok e Wak

Vermelho e negro. Seria assim, em Kriol, o nome da obra de Stendhal. Duvido que o kriol consiga servir para traduzir na íntegra a densidade psicológica das personagens deste romance fundador do realismo.

Mas se em crioulo não existam, talvez, honras literárias escritas, há uma poética na narrativa oral que da vivacidade ao discurso. Todos os discursos em kriol são vivos e expressivos.

Mas a sua expressividade é linear. Cresce, arredonda-se. Passeia-se. Regressa ao crescimento e arredonda-se, com frases mais ou menos longas.

Será que se consegue ter a nuance dual do nok e wak?

Crónica da Guiné #42

Nada de novo na frente leste

Salvo erro, era este o título dum livro de Erich Marie Remarque, que recontava uma história dum soldado germânico, durante a 1 guerra europeia.

Aqui vai a sensação da ilusão que nada se passa. Mas tudo esta a mudar. A mudar muito rapidamente.

Foi um livro que li na juventude, e que agora recordo com a ideia da inutilidade da solução guerra.

Por entre a espuma dos dias tudo muda

Cronica da Guiné 43

Karnaval

E carnaval em Bissau. As pessoas saem para a rua e festejam, dançando ou bebericando. Sentadas em cadeiras que trazem de casa, normalmente com uma aparelhagem com uma sonoridade resplandecente, saboreiam a festa. Aqui e acolá crianças dançam. Alguns adultos montam esplanadas em cima de caixa de camionetas de mercadorias.

A festa estende-se do Espaço Verde para o Badim. Toma conta da praça, onde os jovens circulam, cheirosos e com a pele brilhante das hormonas.

A municipalidade, este ano, ao invés de manter a festa popular, decidiu transferir-la para o estádio 23 de agosto. Meia bancada cheia.

Em suma a tendência para a asneira e grande na Guiné

Cronica da Guiné 44

Karnaval em Bissau

Carnaval e mesmo assim. São três dias de folia. Em qualquer parte do mundo. E também tempos de excessos.

Na Guiné-Bissau o Carnaval e tempo de folia. Mas sem excessos. Tudo e contido. Não deve haver muitas cidades onde se sai simplesmente a rua. Passeia se e bebe-se. Sem excessos visíveis.

Crónica da Guine 45

Os Bantabás.

Os Bantabás são lugares de convívio nas aldeias da Guiné-Bissau. No terreiro da aldeia, são lugares de encontro onde se conversa, onde se fala do quotidiano e de coisas sociais. São nas aldeias tradicionais.

O processo de modernização na cidade tende a substituí estes lugares tradicionais por outros mais "modernos". Bares, discotecas, contentores de vendas, salas de jogos, etc. Em Bissau a cidade vai se modernizando. As roupas tradicionais passam a artefactos de carnaval. Aqui e acolá ainda subsiste, ou melhor vai convivendo com a modernidade. Paradoxalmente outras tradições vão se reforçando, que tal como a modernidade, se distinguem pelos sinais exteriores.

Nas aldeias, estes sinais transvém-se. São visíveis. Sobretudo nas tabancas mais próximas das redes viárias. Nas pontas como lhe chamam. São conexões radiais com as tabancas interiores. Ainda que aqui e acolá sejam visíveis Bantabás, a olho nu é visível que também a modernidade se vai instalando.

Resta a pergunta. E onde se encontram hoje os homens. Pelo que vi nos varandins e percolas. O modelo de casa é hoje a casa retangular com a tal soleira para os dias de chuva. Ai se cozinha, ai se conversa. Ai se estende as roupas. Ai as mulheres aí reúnem para catar piolhos aos catraios. Os homens tomam chá feitos em bules sob as brasas. As casas modernizaram-se. O coletivo dá lugar ao individual. Nuns lugares mais, noutros menos.

Crónica da Guiné #46

Ecomuseu vivo de Canchungo

A cidade de Canchungo é um pequeno ecomuseu vivo da região. No espaço urbano, muito africanizado, com animais (porcos, ovelhas, cabras, vacas, galinhas e outros animais domésticos), organizado a partir de dois eixos perpendiculares, é um exemplo dos tempos atuais de transição.

A estrada que vem de Cú-Bissau/Sao Domingos desagua na Praça de Canchungo, a roda da qual várias tabancas se desenvolvem em forma de estrela. Perpendicular à praça a avenida desenvolve-se para sul, ao longo da qual se encontram os equipamentos sociais e edifícios administrativos. A praça é um lugar de comércio. Sempre cheio de vendedeiras, vários armazéns grossistas, a praça de táxis. O mercado formal e o informal de rua. Mais à frente a igreja, o liceu, a missão católica, o antigo depósito de água. Mais à frente o antigo quartel, o antigo cinema, ambos em ruínas, e os edifícios administrativos. Atualmente a Câmara, a polícia, a CNE guardada por uma força de Ecocomb, o edifício das finanças, o registo, etc.

A partir desta avenida, perpendicular desenvolvem-se de novo os bairros. Aqui acolá pequenos comércios locais

É um museu vivo. Eco. Não deixa de ser curioso que nada existe de "cultural" embora o espaço seja em si cultural. Um dos paradoxos destes novos tempos, onde a cultura deixa de ter forma de equipamento e se dilui em práticas. Como é que se treina essa leitura?

Crónica da Guiné #47

A luz

Levam-se três dias consecutivos sem luz. As comunicações vão se perdendo, os frigoríficos deixam de conservar. A noite é mesmo noite Longa e quente.

Em Canchungo a eletricidade é privada. Isto é, em tempos deve ter sido pública. Pelo menos o lugar do gerador revela um edifício do tempo colonial. A meio da vila, para distribuir pelas casas mais abastadas. Atualmente, o Sr. Augusto, um dinâmico empresário local, é concessionário ou prioritário do gerador. Um gerador já velhinho, de fabrico chinês.

Habitualmente a eletricidade é fornecida por dois períodos. Um diurno, e outro noturno. Recentemente, o diurno foi sendo suprimido. A agora também o noturno.

Dizem que os serviços públicos, naturalmente consumidores diurnos, não pagam há vários meses. Logo não há dinheiro para repor o combustível. E sem combustível não há eletricidade.

É uma situação recorrente. Literalmente não há dinheiro na administração pública. Não há salários. Os fornecedores não são pagos. O dinheiro que circula é escasso. A sociedade civil troca, mas numa escala de pequena dimensão.

Um país suspenso e sem luz!

Crónica da Guiné #48

O país esta suspenso desde o final de dezembro. Entre contagens, recontagem, atas e decisões do supremo tribunal, acusações mútuas e suspeitas de fraude, a novela presidencial conheceu hoje um novo episódio.

Um episódio que faz lembrar a Venezuela, quando Gaidó se autoproclamou presidente interino a partir do parlamento, num golpe, ou tentativa de golpe a que muitos vêm mão americana e cumplicidades europeias.

Aqui em Bissau, a diferença é que Embalo Seissoco, o General di Povi. Para além do apoio que recolheu, e será certamente muito, não dispõe dos instrumentos coercivos do poder.

Por isso hoje assistimos a uma ópera bufa, duma encenação de posse num hotel, procurando criar um movimento de revolta.

Para além de algumas escaramuças na praça do império, expressas na tentativa de invadir a sede do PAIGC, nada se passou. As pessoas, sem dinheiro, alhearam-se da questão política. Os militares estão calmos. Em suma nada se passa a não ser a agitação carnavalesca do Parque Verde que prossegue.

Crónica da Guiné #49

N'to N're Tucpa

50 Crónicas da Guiné. Nos Bijagós a saborear o vento doce do Atlântico. A travessia é feita de ferryboat. Concentração uma hora antes. Bilhete comprado para residente. Com o aproximar da hora de partida o movimento cresce.

Com um silvo rouco inicia-se a marcha. Soltam as amarras e em marcha a ré revolvem-se as águas. Bissau distancia-se nas águas barrentas. Com os abutres a acompanhar numa pequena parte, procurando um peixe mais incauto, a cidade vai ficando mais pequena, até se diluir na paisagem verdejante.

Indolentemente o barco rasga as águas, balançando com as ondas. No primeiro piso um bar com bebidas frescas. Na ponte as conversas animam-se e vão passeando ao sabor dos assuntos. Ao longe paisagens verdes de onde sobressaem os coqueiros. A meio da vigia passamos a ser escoltados por um par de golfinhos. Prateados, saltam sobre as ondas.

Rumamos para Bubaque. A ilha das galinhas com os seus hotéis de luxo passa. O barco abranda a velocidade e prepara-se para amarar. Bubaque surge as suas tabancas. As peixeiras juntam-se nas bancas a mostrar o peixe fresco. Os passageiros dos barcos dispersam-se pelas ruelas.

Procuro um hotel. O Saldo mar. Limpo. Barato. Conforto que basta. Luz elétrica. Uma boa pizza.

Saldomar ... N'to N're Tucpa.

E vão 50 crónicas

Primado da lei e realidade virtual

Escrevi num postal anterior sobre a relação da política com a realidade virtual. A simbólica do poder tem os seus lugares e rituais. O exercício do poder faz-se através da ocupação do espaço pelo ritual.

Como todos os atos simbólicos, a estabilidade ou continuidade pode ser alterada por eventos transitórios. Ruturas da legitimidade, que criam outras legitimidades.

A era da realidade virtual trouxe para a arena das relações internacionais, outras legitimidades.

Tivemos o caso da Venezuela, onde a partir do parlamento, se procurou criar um movimento insurrecional popular,

A ação saiu gorada. Embora muitos problemas se continuem a manifestar, a ordem da legitimidade. O primado da lei manteve-se.

No caso da Guiné Bissau, no que podemos chamar a questão presidencial, assistimos a um interessante caso da relação entre a realidade virtual e o primado da lei.

Do impasse eleitoral. Isto é a partir dum conjunto de questões que resultam da verificação dos resultados do pleito presidencial suscitaram-se várias diligências nos órgãos de justiça. Entre CNE e Tribunal Supremo verifica-se um pleito sobre o primado da lei.

Enquanto tal, a presidência ficou em suspenso. O candidato declarado vencedor, embora com as dúvidas a dirimir no pleito legal, assume virtualmente o poder. Fora dos lugares do poder, replicando o ritual. Conta naturalmente com apoios de peso, entre os quais o do presidente cessante, com mandato há vários meses ultrapassado, aceita o general do povo, como diz o slogan eleitoral, como seu sucessor.

A questão dirime-se agora na Praça pública. A população, fora os apoiantes diretos dos candidatos, segue a distância. Tudo dependerá então da força militar. Do sentido em que se movimentarem ou não.

Enquanto navego para os Bijagós vão caindo notícias dos movimentos em Bissau. Ministérios ocupados. Militares nas ruas. A distância é difícil de confirmar o que se passa.

Recebemos entretanto informações, da embaixada, para manter a descrição. E como quem diz. Para ficar suspenso. A virtualidade peleja para se tornar realidade. Dentro de em breve se saberá o desfecho. O tempo não para.

#Guiné 51

Bubake – Bijagós

O arquipélago dos Bijagós, um conjunto de ilhas na embocadura dos rios de Sena e Guiné, é uma das regiões de rara beleza na Guiné. Visitei hoje a ilha de Bubake.

A pé percorri a estrada que leva a Tabanca de Bijante. Ai, acompanhado de uns miúdos locais, infleti para a esquerda, e por entre uma picada repleta de mangai e cajueiros, desemboquei numa praia paradisíaca. Areia branca. Coqueiros. Ao fundo um pescador e sua canoa. Duas vacas pachorrentas na praia. Os pássaros esvoaçavam. Com o calor, tudo amainou.

Umas bananas a taparem o buraco do estômago. Água carregada na mochila. Na areia o Edu e seus amigos brincavam, como brincam as crianças. Pinotes, mergulhos no mar. Uma velha boia a servir de bola.

Uma espécie de paraíso. Regresso ao porto. Entardece na Baía. A calma e a serenidade toma conta do mundo. Sempre foi assim. Umas vezes com mais movimento. Outras com gentes que partem. Estrangeiros que são sempre.

GUINÉ #52

Melchior de Bubake

Ontem dos mais velhos de Bubake, sentados na sombra da cabaceira grande, com vista para o soberbo tarrafe de Bidim, que há um oxum poderoso em Bubake.

Melchior, como lhe chamam e simultaneamente poderoso e frágil. Poderoso porque todos verga a sua vontade. Frágil porque aparece sempre desorientado.

Depois da história, regressei ao Saldomar, o B&Bio. Sentei-me no terraço e pedia uma cerveja. Estava cansado do dia de praia. Do sol e da caminhada. Uma brisa suave enxia o ar, agitando o espanta-espíritos com uma música suave. De baixo vem vinham fumaças com cheiro de cedro. Balanceio a cabeça e, por breves momentos, passo pelas brasas.

Acordo estremunhado. Belchior estava por ali e perguntava se queria mais uma cerveja. Ainda estremunhado disse-lhe que estava bem. Ainda entorpecido senti-lhe a inquietação.

Questionei-o: Que passa?

-Nada. Nada! Exclamou. Na mão um braço de ogum. Agitado continuou. Então. Aldo se passa disse-lhe eu. Estás muito branco. Procurei tocar-lhe, mas a mão apenas encontrou ar.

Melchior desloca-se nervoso. Irrequieto. Parece uma sombra deslizando por entre os farrapos de nevoeira que entrava do lado dos fanados.

-Va lá! Sossega um bocado. Conta-me o que se passa.

É que eu não encontro o caminho? Diz-me. Não encontro o caminho da Tabanca grande. O sítio onde mora Anjita a rainha de Badim.

Como não encontras o caminho. E para cima. Mas agora de noite é mais difícil caminhar na picada.

-Não. Não é esse o caminho que procura. Eu vou pelo caminho de Oxum. Só que me esqueci como se abre a porta.

Já a desconfiar da história, perguntei-lhe “-Que porta. Os caminhos não tem portas. Talvez queiras dizer pontas?

-Não não. E mesmo preciso encontrar a porta. E vai, lança uma fala e faz uns gestos. De repente para. Estás a ver! Esqueci-me do fim. E isto que falta. E recomeça.

Espera! Disse-lhe Eu acompanho-te. E repeti os gestos. Cuidadosamente. Passo a paço. Movo os braços em círculos. Estalo os dedos. Faço os sons de cânticos que parecem vir dos tempos grisalhos dos Bijagós.

De súbito estalei os dedos e

Desapareci!

Guiné #53

Reno e dono di xão

Augusto, régulo de Canchungo estudou na escola dos franciscanos. Na boa tradição colonial, a política colonial procurava seduzir as chefaturas locais, deixando lhes algumas prebendas e, claro, procurando educar os filhos. Augusto estuda até a 4 classe e depois segue a pisadas do seu pai. No sei tempo áureo teve 13 mulheres. Agora restam lhe duas, finada que foi uma terceira na passada semana.

Foi tempo de fanado. Cerimônias fúnebres de despedida dos mortos, onde família e amigos se reúnem durante uma semana. Diz se na Guiné que ninguém liga aos vivos. Só quando uma pessoa morre e que se juntam as lembranças.

Depois, com mais vagar descreveremos os fanados.

Crónica da Guine #55

Chez Amy carrefour de cuisine africaine

Na rua Eduardo Mondlane em Bissau um restaurante conhecido como a senegalesa, oferece uma cozinha elaborada, saborosa e com gosto.

A cozinha guineense poderia ser rica. Há praticamente todos os vegetais da gastronomia mediterrânica, e influência dos vegetais africanos.

Há mesmo livros de receitas elaborados. Em Canchungo o Ian cozinha com mão de autor. Mas em quase todo o sítio se encontra o caldo de peixe, a galinha assada. Talvez seja um misto da situação do país. Pouco dinheiro, pouco exigentes consigo mesmo, a proverbial indolência do calor. Mas há sempre um gosto em estar com o outro.

Cronica da guine #56

Bojan de Ingoré

Bojan é homem grande de Ingoré. Filho de dono de Chão, herdou o reno por via da sua tia, rainha, que havia herdado de sua tia, e assim sucessivamente, até que no tempo dos portugueses, Chefe tinha que ser homem.

Assim, ao invés de seguir a via do serviço aos fanados, foi entronado regulo. A casa da sua tia ficou vazia. Segundo a tradição, a casa de chefe e terreno sagrado. Mesmo quando parte, o chão é dele e não serve para habitação dos vivos. Com o tempo na tabanca vão se sucedendo os filhos e as memórias ficam mais empobrecidas. Menos lembradas. Também o tempo vai dissolvendo a terra da casa, que se funde com a terra, consumando-se a união entre os vivos, melhor a memória dos vivos e os antepassados, que doravante se tornam um tronco único, como o tronco da cabaceira.

Mas a casa da sua Tia Gaudência, sabe-se lá porquê, foi resistindo ao tempo. Os miúdos tinham medo de lá brincar, pois dizia-se que lá habitavam os fanados.

Bojam, que ainda tinha uns rudimentos da iniciação como fanado, varias vezes lá foi, procurando esses espíritos. Mas sempre que ia, eles brincavam com ele. Faziam um barulho aqui, um ruído acolá. E por mais rezas e fumos que queimasse, Bodjan só conseguia afastar os espíritos.

Hoje, o seu filho Djalo, chegou esbaforido a chorar, dizendo que na casa de Gaudência, tinha ouvido vozes que lhe diziam para ir procurar o balafo sagrado.

Bojan olhou para Djalo e lembrou-se que antes de morrer, Gaudência lhe tinha pedido o balafo e lhe tinha cantado uma canção antiga, que agora lhe vinha à memória.

Remexeu nas coisas antigas, de outros tempos, que jaziam abandonadas num canto da tabanca. Pegou no balafo e foi à velha tabanca e cantou a velha canção que a memória lhe trazia.

E, do nada surgiram os antigos. As rainhas e feiticeiros. Cantavam em conjunto, uma doce melodia. Traziam vestidos os panos sagrados da família.

Comiam e bebiam sem ligar a Bodjam, que cansado de tocar para por breves momentos. A festa fica suspensa. Gaudência, que se desatacava pela riqueza das suas indumentárias, olha para Bodjam e diz-lhe:

-É tempo de mudanças. Quando eu te dei o reno, cantei a canção dos tempos antigos. São tempos que já passaram. Vai e canta os novos tempos....

Bodjam acorda na madrugada estremunhado. O Sol ainda não subira no horizonte. A névoa cobria as cúpulas das árvores. A seu lado o Balafo fazia siar acordes, como se alguém estivesse a dedilhar cordas. De dentro da Tabanca, sai Ingoré, sua filha. Papá, papá, hoje sonhei que as estrelas que brilham são como notas da tua música.

Bodjam levanta-se e de mão dada com Ingoré e Djalo vão pela tabanca procurar o lugar do poço, onde a tradição diz que nos tempos passados ao se sentou um homem com sede e da terra a água brotou.

Crónica da Guiné #57

